

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

FACULDADE DE MATEMÁTICA

MELLYSSA MENDONÇA ROCHA

**MEMÓRIAS DA ESCOLA RURAL “FRANCISCO SOUZA CASTRO” DO DISTRITO
DE ITUÍ EM SÃO JOÃO NEPOMUCENO - MINAS GERAIS**

UBERLÂNDIA - MG

JUNHO-2022

MELLYSSA MENDONÇA ROCHA

**MEMÓRIAS DA ESCOLA RURAL “FRANCISCO SOUZA CASTRO” DO DISTRITO
DE ITUÍ EM SÃO JOÃO NEPOMUCENO - MINAS GERAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Matemática da Universidade
Federal de Uberlândia como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Licenciada em
Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Marin

UBERLÂNDIA – MG

JUNHO - 2022

MELLYSSA MENDONÇA ROCHA

MEMÓRIAS DA ESCOLA RURAL “FRANCISCO SOUZA CASTRO” DO DISTRITO DE
ITUÍ EM SÃO JOÃO NEPOMUCENO - MINAS GERAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Matemática da Universidade
Federal de Uberlândia como parte dos
requisitos para a obtenção do título de
Licenciada em Matemática.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Douglas Marin – Orientador (FAMAT-UFU)

Prof. Dr. Lúcio Borges de Araújo – (FAMAT-UFU)

Profa. Dra. Mirian Fernandes Carvalho Araújo – (FAMAT-UFU)

Resultado:

Uberlândia (MG), ____ de _____ de 2022.

“Apesar dos nossos defeitos, precisamos enxergar que somos pérolas únicas no teatro da vida e entender que não existem pessoas de sucesso ou pessoas fracassadas. O que existe são pessoas que lutam pelos seus sonhos ou desistem deles”.

(Augusto Cury)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha filha Lívia, que me concedeu o incrível prazer em ser sua mãe durante o período da realização do curso e ao meu marido Fernando, pelo cuidado e dedicação durante a realização da graduação em Licenciatura em Matemática.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me dar saúde e força para superar as dificuldades.

Agradeço também ao meu professor orientador, Douglas Marin, pelo apoio e auxílio, disponibilidade de tempo e material para pesquisa do tema. Ao meu amigo de estudos Pedro Nasciutti pelas trocas de conhecimento e apoio durante o curso, aos professores do curso de Matemática, na modalidade a distância, da Universidade Federal de Uberlândia, que foram de extrema importância em minha vida acadêmica e no desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso.

Ao meu marido e a minha filha Lívia, por todo amor, incentivo e apoio incondicional, que apesar de todas as dificuldades me fortaleceram.

Aos amigos e companheiros de trabalho na amizade que fizeram parte da nossa formação e que vão continuar presentes em nossas vidas.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da nossa formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo disparar uma narrativa sobre a história da Escola Municipal “Francisco Souza Castro”, uma escola rural localizada no distrito de Ituí no município de São João Nepomuceno em Minas Gerais. Mobilizamos a metodologia de História Oral na Educação Matemática, além das fontes orais foram utilizadas outras fontes, como escritas e iconográficas. A contribuição desse estudo está na elaboração de cursos, oficinas e palestras para o professor que leciona matemática na escola rural e seus estudantes.

Palavras chave: Educação no Campo. Formação de professores. História da Educação Matemática.

ABSTRACT

This study aimed to trigger a narrative about the history of the Municipal School "Francisco Souza Castro", a rural school located in the district of Ituí in the municipality of São João Nepomuceno in Minas Gerais. We mobilized the methodology of Oral History in Mathematics Education, in addition to oral sources, other sources were used, such as written and iconographic ones. The contribution of this study is in the development of courses, workshops and lectures for the teacher who teaches mathematics in rural schools and their students.

Keywords: Education in the Field. Teacher training. History of Mathematics Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização.....	34
Figura 2 – Inauguração Escola Municipal “Francisco Souza Castro”.....	36
Figura 3 – Terreno da Casa Escolar Combinadas de Ituí.....	38
Figura 4 – Participação dos alunos no aniversário de São João Nepomuceno, em 1998.....	41
Figura 5 – Desfile dos alunos da escola no aniversário de São João Nepomuceno, em 1998..	42
Figura 6 – Participação dos alunos da escola no desfile de 7 de setembro de 1996.....	42
Figura 7 – Capacitação docente dos professores rurais.....	43
Figura 8 – Projeto de Ensino de Matemática e Capacitação docente para o meio rural.....	44
Figura 9 – Turma de 1994 em frente à escola “Francisco Souza Castro”	46
Figura 10 – Separação das fileiras por série na escola.....	47
Figura 11 – Aniversário de 60 anos da escola.....	48
Figura 12 – Alunos perfilados para o Hino Nacional.....	49

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo I: Olhares para a Educação do Campo.....	13
1.1 – Classes multisseriadas.....	16
Capítulo II: Metodologia da pesquisa.....	18
2.1 – Procedimentos metodológicos.....	22
2.2 – O roteiro das entrevistas	24
Capítulo III: Entre-vistas: olhares e opiniões.....	26
3.1 – Entrevista com a professora Vera de Oliveira Castro.....	27
3.2 – Entrevista com a professora Carla Lúcia dos Reis Oliveira.....	31
Capítulo IV: Uma narrativa sobre a história da escola rural “Francisco Souza Castro”.....	34
4.1 – Contexto histórico.....	34
4.2 – Uma caracterização da sociedade.....	36
4.3 – A esperança de uma comunidade.....	37
4.4 – Eventos culturais.....	41
4.5 – Projetos Educacionais e Formação de professores para a zona rural.....	43
4.6 – Os professores e os membros daquela comunidade.....	45
4.7–Uma viagem as minhas memórias na Escola Rural “Francisco Souza Castro”.....	45
Considerações Finais.....	50
Referências.....	51

INTRODUÇÃO

Esse trabalho nasce de meus anseios como estudante da Escola Municipal “Francisco Souza Castro”. Uma escola rural localizada no distrito de Ituí no município de São João Nepomuceno em Minas Gerais.

Criada na década de 1940, denominada Escola Estadual de Ituí, passou a ser chama de Escola Estadual “Francisco Souza Castro” em 1984. Em 1985 mudou-se para o novo prédio e em 1988, segundo Resolução 9094/98 de Minas Gérias, foi municipalizada e automaticamente passou a denominar-se Escola Municipal “Francisco Souza Castro”.

Na época em que morei em Ituí, residia nas proximidades da escola, no entanto, minha relação tem outras marcas de ordem familiar. Minha mãe e minhas primas foram professoras da escola. Nesse aspecto, entra a ordem afetiva, pois estudei até terminar o ensino fundamental I, nela guardo em minhas memórias, ótimas lembranças e, também, curiosidades.

Essas inquietações me sinalizaram para a possibilidade de elaborar um estudo de Trabalho de Conclusão de Curso, um estudo historiográfico sobre essa escola, no entanto, não sabia o que fazer e a quem recorrer.

A partir de conversas com o tutor Danilo, do nosso curso de Licenciatura em Matemática, na modalidade a distância, soube que o professor Douglas que trabalha com pesquisas nessa área.

De imediato ele aceitou me orientar neste estudo. A partir disso, comecei a pesquisar sobre a escola e falar com pessoas que tiveram algum tipo de contato com a escola.

Decidimos¹, escrever uma memória da escola, em outras palavras, elaborar uma história, um documento histórico a partir das memórias de pessoas que, em algum período da existência dessa escola contribuiu de alguma forma.

Mobilizamos a História Oral por meio de entrevistas. Nesse exercício metodológico, nossos interlocutores foram duas professoras que de algum modo viveram esse ambiente escolar, além de outras fontes escritas e iconográficas nos ajudaram a disparar uma narrativa sobre a história da Escola Municipal “Francisco Souza Castro”.

Este trabalho de conclusão de curso estrutura-se por esta introdução e mais quatro capítulos. O primeiro capítulo, nomeamos por “Olhares para a educação do campo”, procuramos elaborar um estudo junto a legislação e pesquisas atuais apontando aspectos que tratam sobre as escolas rurais. No capítulo dois, “História Oral como metodologia de pesquisa”, onde apresentamos a metodologia da pesquisa e os procedimentos metodológicos. “Entre-vistas: olhares e opiniões”, é o terceiro capítulo deste trabalho, onde apresentamos as textualizações de todas as entrevistas realizadas com os depoentes.

Por fim, apresentamos no quarto capítulo, intitulado por “uma narrativa sobre a história da escola rural “Francisco Souza Castro” que foi disparada a partir do nosso olhar para as textualizações do grupo de entrevistados. Encerrando, apresentamos algumas considerações e as referências bibliográficas deste texto.

¹ A partir deste momento iniciamos a escrita do texto usando a primeira pessoa do plural, pois entendemos pesquisa como uma parceria entre aluno e orientador.

CAPÍTULO I

OLHARES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Pelo fato do Brasil ser considerado um país de origem eminentemente agrário, uma educação para as populações rurais somente foi mencionada nos textos constitucionais cerca de meio século após o País ter se transformado em República. Somente nesse período a Educação Rural passou a ser preocupação para o Estado Brasileiro, em decorrência dos movimentos migratórios internos. Porém, o que colocava em destaque naquele momento era a necessidade “[...] conter o movimento migratório e elevar a produtividade no Campo” (SOARES, 2001, p. 9).

Segundo Fonseca (1985), as elites na época propunham uma escola integrada as condições de cada local e região, e tinham intuito de tornar o campo mais eficiente com a mecanização e manter o homem no campo, evitando o inchaço das cidades.

Nesse mesmo sentido, Soares (2001, p. 4) afirma que “[...] devido às técnicas arcaicas do cultivo que não exigiam dos trabalhadores rurais nenhuma preparação, nem mesmo a alfabetização”, fazendo com que, de certa forma, essa ausência contribuísse para a deficiência na educação do campo.

Contudo, nota-se o descaso e a forma com que a elite brasileira historicamente tratava a educação voltada ao Campo, denominada na época como Educação Rural. Sobre isso Christófoli (2006) menciona que

“Como mostram diversas pesquisas, a maioria das escolas de assentamentos são conquistadas como fruto de luta coletiva da comunidade e dos educadores. Em geral é uma luta contra o poder local, que quase sempre busca levar as crianças para escolas fora do assentamento e para escolas urbanas. Mas também é uma luta contra a tradição oligárquica e repressora da elite política brasileira que nega o acesso à educação aos filhos da classe trabalhadora em geral (e camponesa, principalmente). Uma luta pela apropriação de seu destino. Uma luta emblemática, que dá sequência e consistência à prática de romper acerca do latifúndio e se afirmar como sujeito político”. (CHRISTÓFFOLI, 2006, p. 96).

Esse cenário tem avanços com a promulgação da constituição de 1988, onde se destaca que a educação como um direito de todos e dever do Estado e da família (BRASIL, 1988).

Entretanto, a educação do campo ganha o destaque somente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9394/96, no art. 28 quando é dito que

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, p.16).

Notamos que mesmo com tantos avanços na legislação educacional a educação do campo pouco tem avançado em termos práticos. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), apontam que as principais dificuldades em relação à educação do campo são:

- insuficiência e precariedade das instalações físicas da maioria das escolas;
- dificuldades de acesso dos professores e alunos às escolas, em razão da falta de um sistema adequado de transporte escolar;
- falta de professores habilitados e efetivados, o que provoca constante rotatividade;
- falta de conhecimento especializado sobre políticas de educação básica para o meio rural, com currículos inadequados que privilegiam uma visão urbana de educação e desenvolvimento;
- ausência de assistência pedagógica e supervisão escolar nas escolas rurais;
- predomínio de classes multisseriadas com educação de baixa qualidade;
- falta de atualização das propostas pedagógicas das escolas rurais;
- baixo desempenho escolar dos alunos e elevadas taxas de distorção idade-série;
- baixos salários e sobrecarga de trabalho dos professores, quando comparados com os que atuam na zona urbana;
- necessidade de reavaliação das políticas de nucleação das escolas e de implementação de calendário escolar adequado às necessidades do meio rural. (INEP, 2007, p.18)

Para Caldart (2000), a Educação do Campo ainda é tratada de maneira pejorativa, principalmente no que tange ao processo de ensino, isto é, em geral o ensino não se

coaduna com a identidade e realidade do campo e por vezes é algo meramente mecânico e sem sentido para o sujeito que lá está.

Atualmente, podemos dizer que essa situação ganha sinais de melhorias com o que orienta a Base Nacional Comum Curricular (2016) ao mencionar que

a Educação do Campo fundamenta suas ações de acordo com a LDB, mas contempla adequações necessárias às peculiaridades da vida no campo e de cada região, definindo componentes curriculares e metodologias apropriadas às necessidades e interesses dos educandos, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola, às condições climáticas e às características do trabalho do campo, retratando as lutas e a resistência dos povos do campo pelo acesso e a permanência na terra (BRASIL, 2016, p.36).

Percebemos que pela BNCC (2016), é proposto conteúdos curriculares comuns a todos, nesse sentido, ela aponta para as especificidades, como a da população do campo. Desta forma é garantida a oferta de educação, com currículos e metodologias adequados à escola do meio rural, adaptando a escola ao meio em que está inserida.

Para finalizar, percebemos que ao longo dos anos, a educação do campo passou por diferentes instâncias e os documentos indicam, apesar das dificuldades que houve algum avanço, sinalizando para a continuidade de uma cultura e de conhecimentos para uma comunidade.

1.1- Classes multisseriadas

Classes multisseriadas é a condição de organização do ensino em sala de aula, em que o professor trabalha com várias séries, simultaneamente e tem a incumbência de ensinar todos os alunos, cada um em seu nível escolar.

O educador que opta por trabalhar em escolas do campo tem a necessidade de compreender que, naquele espaço, estão sujeitos que produzem suas condições culturais e materiais e que deverá ter um certo dinamismo e flexibilidade em seu processo de ensino para atender o máximo de alunos.

Contudo, notamos que a educação do campo sofre com a carência de programas de formação inicial e continuada, com a rotatividade de profissionais que atuam nas escolas, com as interrupções e descontinuidade do trabalho, entre outros.

A partir daí, observamos a necessidade urgente de pensar e repensar as formações oferecidas nas universidades brasileiras, pois a própria prática do educador no ensino superior é distanciada da realidade em que seus estudantes atuam. Portanto, é necessária a identificação das práticas dos educadores nas classes multisseriadas, a análise do que emergem das e nas práticas tanto dos educadores que formam quanto daqueles que passam pelo processo de formação.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA DA PESQUISA

A História Oral será a metodologia mobilizada nessa pesquisa, por meio de entrevistas com os alunos, professores e pessoas que participaram desse movimento, de mudanças para o prédio novo e seu funcionamento na década de 1970.

Considero que é uma metodologia de pesquisa que tem sido amplamente utilizada na área de estudos culturais, sociólogos, antropólogos e historiadores, por conter características específicas e eficientes que buscam informações até então guardadas nas memórias dos sujeitos que viveram tais períodos.

Essa opção encontra respaldo em Baraldi (2003) e Marin (2019) quando argumentam que esta metodologia de pesquisa nos permite criar fontes a partir da oralidade, elaborando assim, narrativas orais, pela escrita, como documentos históricos intencionalmente constituídos e, ao mesmo tempo, não se afastando de fontes de outra natureza, propondo estabelecer um diálogo com muitas outras fontes, sejam escritas, pictóricas, fílmicas, escultóricas etc., inclusive as chamadas oficiais – que têm sido objeto de acalorado debate no cenário historiográfico contemporâneo.

Garnica; Fernandes; Silva (2011, p.232) apontam que a História Oral é uma “metodologia cuja função é criar fontes historiográficas - que podem ser exploradas por instrumentos analíticos distintos por quaisquer pessoas que venham a interagir com elas – e estudá-las”.

Para explorar tais instrumentos Garnica (2010, p. 33) aponta algumas decorrências e princípios que são necessários ao trabalhar com a História Oral:

- (a) dialogar com fontes de várias naturezas (escritas, pictóricas, fílmicas etc), ressaltadas as fontes orais; negando que a verdade – essa onírica, imaculada e sempre ausente presença que nos assombra – jaz dormente em registros escritos, implicando, com isso, a - historicidade da fantasia, dos sonhos humanos, da memória (sempre enganadora) que se deixa captar oralmente;
- (b) exercitar a pluralidade de perspectivas (interpretações) a partir das quais cada tema ou objeto pode ser realçado;
- (c) abraçar uma proposta de configuração coletiva no que diz respeito aos atores sociais envolvidos na pesquisa, quer como pesquisadores ou como depoentes – de um cenário amplo, descentralizado e dinâmico (intencionalmente caótico, mas com estabilidades possíveis);
- (d) fazer registros cuidadosos, eticamente comprometidos;
- (e) atentar que o domínio na elaboração de narrativas e o posicionamento/compromisso de que tais narrativas têm a função de reconduzir o sujeito “para dentro” das investigações, negando toda afirmação de que a objetividade científica está radicada na neutralidade do pesquisador em relação ao pesquisado;
- (f) afastar-se da perspectiva historiográfica positivista, o que implica fundamentalmente neutralizar concepções absolutistas que defendem a existência de uma “História verdadeira” e a possibilidade de aproximação congenial com os autores de textos (quaisquer que seja a natureza desses textos).

Uma das características da História Oral, na Educação Matemática, está em mobilizar parâmetros qualitativos de investigação que se apoiam na oralidade e na coleta de depoimentos, sendo eles: entrevista, transcrição e a textualização.

Entendida ora como técnica, ora como metodologia ou até disciplina, a História Oral é parte de um movimento de renovação da História que, no começo no século XX, ampliou seus objetos, fontes e passou a incorporar imagens, cultura material e relatos orais gravados em suas pesquisas, antes restritas aos documentos escritos. Assim como acontece com os meios de comunicação, a trajetória da História Oral é indissociável do desenvolvimento das técnicas de reprodução de sons e imagens, pois a gravação de entrevistas quase sempre está presente. A História Oral é pródiga ainda em reflexões sobre o próprio conteúdo das entrevistas – a memória oral –, o que permite complexificar a abordagem dos dados e ajuda o pesquisador a ir além do maniqueísmo e da ingenuidade (CARVALHO, 2020).

Utilizar a entrevista como técnica de pesquisa já vem sendo utilizada há muito tempo na pesquisa social, uma vez que, por sua flexibilidade, é adotada como técnica fundamental de investigação de diversos campos. É um procedimento de construção de dados que busca compreender as experiências do indivíduo, inseridas em uma realidade social determinada. Os profissionais que tratam de problemas humanos tais como psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais entre outros, valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação.

A entrevista tem por competência a obtenção de informação e busca da compreensão da subjetividade do indivíduo por meio de seus depoimentos, pois se trata do modo como aquele sujeito vivencia e observa suas memórias, seu momento.

A entrevista como coleta de dados sobre um determinado fenômeno é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de

campo. Por meio dela os pesquisadores buscam coletar dados objetivos e subjetivos. Considera-se a entrevista como uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas. (BATISTA; MATOS; NASCIMENTO, 2017).

É preciso não confundir entrevista com o questionário, técnicas distintas, diferentes entre si. As entrevistas envolvem questões não estruturadas e em geral abertas, que são em pequeno número e se destinam a suscitar concepções e opiniões dos participantes (CRESWELL, 2010). O questionário por sua vez é composto por questões fechadas, onde o respondente escolhe uma alternativa dentre as que são apresentadas numa lista (GIL, 2008). Se comparada com o questionário a entrevista apresenta certas vantagens: não exige que o participante saiba ler e escrever; possibilita a obtenção de maior número de respostas e ainda, existe maior resistência para responder a um questionário do que ser entrevistado (SILVA et al., 2006).

Para que a interpretação das experiências verbalizadas pelos indivíduos durante as entrevistas narrativas, sejam analisadas, fazer uma transcrição detalhada do material verbal é de extrema importância.

Deste modo, observamos o quão relevante será o uso da entrevista para a concretização do trabalho, uma vez que, ela será o alicerce para levantarmos dados específicos da época que darão sustentação às análises observadas sobre o ensino da matemática através de pessoas que tiveram a experiência de estudar em uma escola rural.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), na entrevista narrativa os entrevistados devem se sentir encorajados a falar livremente. Por esse motivo, devemos orientá-los e tratar de experiências que abordem sua vivência ou cotidiano, para que assim fale naturalmente sua trajetória de vida.

A articulação das entrevistas com os documentos escritos e a iconografia trata-se de um aspecto importante quando se pretende configurar algo em interface com a constituição da escola rural e sua primeira década de funcionamento; formadoras; textos escritos podem complementar fontes orais (e vice-versa); depoimentos imprimem vida e ressignificam fontes escritas; fotos e imagens dão uma amplitude diferente aos “fatos”; e considerando os dados oriundos desse processo de articulação, torna-se possível elaborar

novas histórias, investigar, constituir e questionar verdades, sejam elas “novas” ou já vistas (BARALDI, 2003).

Após a coleta das entrevistas, os documentos escritos produzidos a partir delas serão analisados e interpretados. Os depoimentos gravados passarão pela *transcrição*, fase primária de tratamento dos depoimentos, quando é feito o primeiro registro escrito dos depoimentos orais, sendo o pesquisador o mais fiel possível a todos os elementos linguísticos presentes nos diálogos entre pesquisador e colaborador.

Em um segundo momento, o depoimento transcrito passará pelo processo de *textualização*. Pode haver, então, uma mudança mais radical no texto da *transcrição*, omitindo-se as perguntas, os vícios de linguagem e construindo um texto em que as informações são colocadas de forma corrente e integradas ao contexto da pesquisa. A *textualização* é considerada um texto em coautoria pesquisador/entrevistado, embora muitas vezes seja um texto de autoria do pesquisador que o depoente autoriza (ou não) como algo que ele diria ou escreveria.

Finalmente, *textualização* e *transcrição* são devolvidas ao depoente para que ele faça suas considerações, censurando ou acrescentando informações e concedendo ao pesquisador, por uma carta de cessão, o direito de tornar público o registro desses vários encontros, tornado texto escrito. Este processo caracteriza-se ainda por uma negociação entre os dados acrescidos/censurados pelo depoente e os objetivos da pesquisa.

Em relação à análise, penso que este momento não é realizado apenas ao final da investigação, mas algo que durante todo o processo o pesquisador faz em suas interpretações e escolhas. Assumo, portanto, a análise como um aspecto próprio da pesquisa: analisar é reconhecer e registrar a contaminação que nossas compreensões sofrem no contato com o outro, portanto, adquire diferentes formas conforme os objetivos da pesquisa, o estilo dos colaboradores, do pesquisador e o referencial teórico utilizado (GARNICA; SILVA; FERNANDES, 2010).

2.1 Procedimentos metodológicos

Entendemos que as pesquisas que mobilizam a metodologia de História Oral não existem um número máximo ou mínimo de entrevistados. O pesquisador realiza algumas

entrevistas e se julgar necessário pode efetuar outras ou repetir entrevistas com as pessoas já entrevistadas com a finalidade de sensibilizar outras memórias dessas pessoas sobre o objeto de estudo.

Neste sentido, nos fazem defender que uma, ou cinco, ou dez, entrevistas podem atender o objetivo da pesquisa. O que define este número é o próprio pesquisador e as próprias entrevistas. Isso também se dá, pois acreditamos que numa pesquisa qualitativa não é nosso interesse esgotar o objeto de pesquisa.

Para compor essa história que propomos contar, mais especificamente, os colaboradores da pesquisa foram constituídos por duas professoras, sendo que uma delas foi aluna da escola. Foram entrevistadas Vera de Oliveira Castro e Carla Lúcia dos Reis Oliveira.

Em buscas de potenciais depoentes que lecionaram matemática na Escola Rural “Francisco Souza Castro” no distrito de Ituí, município de São João Nepomuceno soube da professora Vera pela sua história na comunidade.

Em um contato telefônico com a sua filha expliquei o motivo daquela ligação, que ficou responsável por conversar com ela. Logo obtive a resposta ao qual dona Vera aceitara em contribuir com o trabalho entendendo sua importância.

Antes de nosso encontro presencial, encaminhei para sua filha Cássia o roteiro para a nossa entrevista e discutimos algumas dúvidas por mensagens de voz porque como estamos enfrentando no momento a pandemia do coronavírus - COVID-19, o contato presencial seria o mínimo possível. Agendamos nossa entrevista para o dia 19 de setembro de 2021, às 15h, em sua casa, num encontro cuja gravação durou 34 minutos.

Como estudar na escola de Ituí fez parte da minha caminhada estudantil e por ter excelentes memórias daquela época, me lembrei da professora Carla. Ela tinha sido minha professora e por ainda ter laços com a comunidade, sabia que ainda lecionava na escola “Francisco Souza Castro”. Optei por fazer o convite por imaginar que seriam muitas memórias e muita colaboração para a minha pesquisa.

Entrei em contato com meu pai, que é seu primo, para que conseguisse seu número de telefone. A partir daí, enviei uma mensagem para o seu *WhatsApp* e expliquei toda a pesquisa.

Antes da nossa entrevista, encaminhei a ela o roteiro que seria utilizado para que se preparasse para as respostas. Assim, agendamos nossa entrevista para o dia 20 de setembro de 2021, às 19h, em sua casa, cuja gravação durou 30 minutos.

Após as entrevistas e o tempo para a realização da textualização, entrei em contato com a professora Vera por intermédio de sua filha Flávia e agendei um horário em sua casa para a leitura e possíveis alterações da entrevista. Vera se sentiu lisonjeada pela contribuição que apresentou ao trabalho e agradeceu pelo reconhecimento e escolha de sua pessoa para fazer parte dessa história.

O agendamento da leitura da textualização da professora Carla foi marcado em sua casa e após algumas modificações ela agradeceu e se sentiu feliz pelo fato de sua história como aluna e professora da zona rural, terem contribuído para a história de outras pessoas.

2.2 O roteiro das entrevistas das professoras

- 1 - Apresentação: quem sou?
- 2 - Comente como foi sua formação para atuar como professora.
- 3 - Como você começou a dar aulas?
- 4 - Como era a organização das aulas?
- 5 - Na época, como era o processo de contratação?
- 6 - Comente quando começou a lecionar nessa escola. Quanto tempo você trabalhou nessa escola?
- 7 - Como era ser professora naquela época?
- 8 - Comente sobre as orientações pedagógicas que recebia. De quem as recebia. A periodicidade que recebia.
- 9 - Quais eram as funções do inspetor de ensino?
- 10 - Como se deu a implantação da escola, naquele endereço?

- 11- Como se caracterizava a escola na época da criação, em seus aspectos físicos? E, depois nos primeiros anos de funcionamento? Houve mudanças? O nome foi sempre esse?
- 12 - Existiu algum movimento político que influenciou na criação da escola ou algum político que se destacou para que a escola fosse criada. Qual?
- 13 - Como era a sala de aula?
- 14 - Quais conteúdos de matemática você ensinava naquela época?
- 15 - Como era o material didático. Que tipo de material didático tinha disponível para que você montasse suas aulas? Como era escolhido o livro ou cartilha?
- 16 - A evasão dos alunos existia?
- 17 - Fale sobre como era esse tipo de ensino multisseriado, todos os alunos numa única sala de aula.
- 18 - Comente sobre as dificuldades em lecionar em uma escola multisseriada?
- 19 - Um fato marcante na primeira década de funcionamento da escola.
- 20 - Existia alguma influência das questões sociais e culturais da comunidade na escola.

CAPÍTULO III

ENTRE-VISTAS: OLHARES E OPINIÕES

Nesse capítulo apresentamos as textualizações das entrevistas dos participantes da pesquisa.

3.1 – Entrevista com a professora Vera de Oliveira Castro



Professora Vera de Oliveira Castro e seu marido, o senhor Erênio Alves de Castro²

Meu nome é Vera de Oliveira Castro, tenho 79 anos. Fui professora e hoje estou aposentada. Me formei pelo curso da Escola Normal D. Prudenciana que funcionava no colégio carinhosamente chamado “Ubi Barroso”³, em dezembro de 1961.

Em fevereiro de 1962, fui para Ituí lecionar na zona rural. Dediquei 20 anos da minha carreira na escola da zona rural de Ituí, mas lecionei outros 5 anos em uma escola da cidade⁴, onde me aposentei.

Nessa época, não existia condução para os professores irem para a zona rural e tínhamos que ir todos no caminhão dos trabalhadores rurais. Ele saía às 4h30 da manhã.

Mas não voltava todos os dias. Durante a semana eu ficava na casa de uma vizinha

² Filho de Francisco Souza Castro que dá o nome à escola.

³ Atualmente chamada Escola Municipal Professor Ubi Barroso, naquela época, era a escola com nível normal onde as professoras eram capacitadas com um curso para lecionar. Está localizada no centro da cidade de São João Nepomuceno, MG.

⁴ Escola Estadual Dona Judite de Mendonça, localizada no centro da cidade de São João Nepomuceno.

da escola e voltava para a cidade apenas na sexta-feira no mesmo caminhão.

O prédio onde a escola funcionava não era onde é atualmente. Era um espaço antigo com uma sala, um banheiro e não tinha merendeira. Nós pagávamos uma senhora da comunidade para fazer a merenda.

A comida era fornecida pelos pais dos alunos e pessoas da comunidade. Depois de certo tempo, a merenda passou a ser enviada pelo Estado. Eles mandavam trigo e a Dona Adir⁵, pessoa que nós, professoras, pagávamos para fazer a merenda, preparava os alimentos. Ela moía o trigo para fazer aquele fubazinho, para ficar mais fácil de fazer o mingau.

Também eram enviados uma merenda doce e macarrão. Me lembro! Era aquele macarrão comprido, grosso, aquele a gente adorava! Adir fazia os preparativos na própria casa e os alunos carregavam no caldeirão até a escola. Ali todo mundo comia. Os pratos eram lavados naquela pia pequenininha.

Na época, tínhamos apenas uma sala de aula, então tínhamos que dividir. Eu e a professora Maria de Lourdes⁶ dividíamos a sala. Ela possui apenas um quadro, ele era bem pequeno. Eu lecionava pela manhã para o primeiro ano, e ela a tarde para o segundo e terceiro. Tínhamos apenas três turmas. Não tinha o quarto ano, nessa época. Lembro que tínhamos 47 alunos. Mais tarde, a professora Maria de Lourdes foi transferida para a cidade e, em seu lugar, entrou a professora Elvira Fávero⁷.

Naquela época, havia pouca evasão escolar. Os pais eram muito rígidos, então a maioria dos alunos conseguiam ir até o 3º ano. O 4º ano passou a ter na escola na década de 1970, aí os alunos conseguiram fazer.

Não existia muitas escolas na região e isso fazia com que os alunos viessem de muito longe. Quando chovia costumavam chegar barreados até à cintura. Vinha gente do Araci e da Braúna⁸.

Na época em que me formei, teve o concurso para o distrito, fiz e passei. A escola

⁵ Dona Adir era uma moradora da comunidade que fazia a merenda dos alunos.

⁶ Maria de Lourdes (em memória) era professora formada pelo Curso Normal D. Prudenciana.

⁷ Elvira Fávero (em memória) era professora formada pelo Curso Normal D. Prudenciana por volta de 1964 e lecionou na zona rural até se aposentar.

⁸ Comunidades vizinhas do distrito de Ituí. Ambas, a aproximadamente 19 km de distância.

tinha o apoio do PRODEMATA⁹, era um projeto do governo naquela época.

Tínhamos duas inspetoras¹⁰, a Dona Edineia Rocha e a Eliene Saccheto¹¹. E elas eram muito rígidas, pegavam nossos cadernos de plano de aula, olhavam tudo e assinavam dia por dia.

O ensino da matemática era muito puxado! O aluno no final do ano sabia fazer conta de juros e porcentagem. A tabuada era cantada, o aluno tinha que saber a tabuada todinha de cor para poder fazer conta.

O Estado enviava os materiais, como cadernos e lápis para os alunos. Na época, não tinha livro igual hoje em dia.

Nós professores tínhamos que passar no quadro toda a matéria, as contas, os problemas. Tudo! Os alunos copiavam. Dávamos redação, carta, para fazerem em casa e depois levávamos o caderno para casa para corrigir.

As provas vinham todas prontas para aplicarmos aos alunos. Elas não eram elaboradas por nós. O Estado não confiava na gente porque entendiam que não íamos ensinar para os alunos o conteúdo que seria cobrado nessa prova.

Tinha um processo também que no final do ano, alunos de outras comunidades podiam prestar a última prova final. Vinha um inspetor, tinha um fiscal para aplicar a prova que era realizada em sala de aula. Se esses alunos conseguissem a nota cinco, eles teriam o diploma de quarto ano. Tem muita gente que foi favorecido nessa parte.

Na sala de aula separava o quadro com uma linha. Uma turma de um lado e outra turma do outro, assim conseguia explicar para as duas turmas. Os pontos que explicava para o terceiro ano ou o quarto ano, eles já tinham estudado no ano anterior. Os alunos falavam: “mas Dona Vera, isso aí, esse assunto, a senhora já passou, nós já estudamos”. A turma do quarto ano que reclamava! Eu tinha que explicar a eles que esse assunto era para o terceiro ano. Mas mesmo assim, precisava percorrer toda a sala para ver se tinham copiado.

⁹ Programa de Desenvolvimento Rural da Zona da Mata, foi um programa do governo do estado de Minas Gerais, criado em 1962, tinha como foco a zona rural. (SEPLAN-MG, sem data)

¹⁰ As inspetoras eram funcionárias da Superintendência Regional de Ensino da cidade de Juiz de Fora, MG. Tinham a função de fiscalizar o ensino e dar assistência aos professores.

¹¹ Profissionais formadas em Magistério que passavam em um processo de classificação na Superintendência de Ensino para ser inspetora de ensino no Estado.

A leitura de primeiro era em coro. Hoje você não vê ninguém lendo em coro "lê fulano e fulano, leiam o primeiro parágrafo", e eles liam em coro aqueles dois alunos, aí paravam aqueles e iam mais dois.

As serventes que trabalharam lá foi a Dona Delonda Medina, que fazia comida, depois a Dona Adir. Nós pagávamos e, depois de um tempo o Estado criou essa vaga de serviçal, aí a Dona Adir foi nomeada e se aposentou pelo Estado como servente da escola.

Ser professora na zona rural foi muito bom, foi muito diferente a experiência. Trabalhei 20 anos na zona rural e 5 na cidade e acho que na zona rural foi melhor. Apesar de tudo, a convivência, o povo e a simplicidade davam prazer em trabalhar. A professora lá era vista como referência, uma autoridade.

A escola era referência no lugar, o que não é hoje. Nós que organizávamos festa de igreja, festa junina, ensinávamos os alunos a cantar para coroar, conforme vocês todas coroaram. Como você pode ver a escola era mais que uma escola. Ela era e ainda é um lugar de assistencialismo à comunidade.

3.2 – Entrevista com a professora Carla Lúcia dos Reis Oliveira



Professora Carla Lúcia dos Reis Oliveira

Meu nome é Carla Lúcia dos Reis Oliveira, tenho 50 anos. Sou aposentada, porém ainda em exercício da função na Escola Municipal “Francisco Souza Castro”, em Ituí. Em 2019, completei 26 anos de Magistério.

Me formei em Magistério, no segundo grau, em 1990. Naquela época, quando terminada a oitava série você ia para o segundo grau e escolhia um dos cursos, magistério ou contabilidade. Eu escolhi magistério.

Em 1993, fiz o concurso para a zona rural e passei. Depois que você passava no concurso tinha uma prova prática, onde a psicóloga ficava lá na sala, você escolhia uma sala na Girassol¹² com os meninos com dificuldade e aí você ia lá e conversava com a professora, elaborava uma aula, um plano de aula, e a psicóloga assistia sua aula.

¹² Escola Girassol de Educação Especial oferece aulas de educação infantil e ensino fundamental I para crianças especiais. Está localizada no Bairro Três Marias, na cidade de São João Nepomuceno, MG.

Comecei a lecionar em 01 de fevereiro de 1994, na Escola Municipal Capitão Manoel Moreira, no povoado Cruzeiro¹³. Era uma escola próxima ao distrito de Ituí que hoje está desativada. A turma era multisseriada, eu tinha alunos de primeiro, segundo, terceiro e quarta série em uma mesma turma. Naquela época era chamado série. Era um aluno de cada série, 4 meninos.

Em 1998, as escolas da região foram municipalizadas e a prefeitura me levou para trabalhar no povoado de Araci¹⁴. Como a prefeitura não tinha professora efetiva em Araci, me convidaram para lecionar neste local.

Em Ituí, comecei a trabalhar em 2001, porque a Prefeitura fez um novo concurso. Como antes a escola pertencia ao Estado de Minas Gerais, as professoras efetivas tiveram que se deslocar para outros distritos que ainda tinham escolas estaduais.

Naquela época, tínhamos muitos alunos, depois foi diminuindo a quantidade. Houve uma época, que na escola de Ituí, não me lembro se foi 2002 ou 2003, acho que tinha 20 e poucos alunos por sala. Como as turmas eram muito grandes, elas foram divididas.

Eu e Sandra¹⁵ éramos as professoras. Ela lecionava na educação infantil e eu com as turmas da primeira à quarta série. Depois não estava dando conta, por serem muitos alunos e de séries diferentes. Então, meados de 2003, a prefeitura abriu uma nova sala e foram divididas a primeira e segunda série da terceira e quarta.

Hoje em dia temos que ficar sempre atentos, conversando, explicando as atividades. Antigamente, os meninos tentavam fazer as contas, tabuadas e as tarefas em sala. Hoje não, é muito mais difícil eles tentarem fazer o dever sem a minha intervenção, querem conversar e brincar na maioria das vezes.

São poucos alunos e divididos para 3 professoras. Hoje não tem muita gente residindo na zona rural, eles estão cada vez mais se mudando para cidade para trabalhar, então os alunos só vão diminuindo.

Acredito que falta muito interesse e tempo dos pais em relação a educação dos filhos hoje. Antigamente a cobrança era maior. Os alunos trabalhavam no contraturno da

¹³ Povoado do distrito de Ituí.

¹⁴ Povoado do distrito de Ituí. Ambas, a aproximadamente 5 km de distância.

¹⁵ Sandra Helena dos Reis, formada em magistério pelo curso normal. Aposentada e ainda no exercício da função da Escola Municipal Francisco Souza Castro.

escola para ajudar os pais e a noite os pais tomavam a tabuada e cobravam notas. Hoje, o caderno de alguns vai de um jeito pra casa e volta da mesma maneira.

Me lembro quando era estudante da escola de Ituí, que foi de 1979 a 1982. O prédio era em frente à casa da vó Amélia. Em 1982 ou 1983 começaram a construir o prédio que estamos hoje, depois eu tirei a 4ª série e não cheguei a ver o fim da obra. A minha professora era a dona Vera. Ela levou a gente no prédio novo e pediu para observar tudo para fazer uma produção de texto depois.

Na minha época de estudante não, mas hoje a merenda é de primeira qualidade. A prefeitura tem nutricionista que monta todo um cardápio saudável para os alunos. E prefeitura disponibiliza o material didático, livros, cadernos, lápis.

O que acho mais difícil no ensino multisseriado hoje, é fazer com que os alunos permaneçam atentos nas atividades que estão estudando.

Às vezes, estou explicando um assunto sobre a Amazônia para alguns alunos. E, um outro de outra série me pergunta: “Ô tia quanto que é 8 vezes 8 mesmo? Se eu raciocinar rápido, vou conseguir falar: “É 64”. Mas se a pergunta precisar de alguma pesquisa eu digo: “Espera um pouquinho, por favor”. Nisso, o aluno dispersa.

Trabalhar na zona rural é muito prazeroso. Ver nossos alunos seguindo com os estudos e se tornando profissionais capacitados é muito gratificante na vida de um professor. Principalmente porque conhecemos suas histórias e sabemos de todas as dificuldades. E ter a consideração dos ex-alunos é sem dúvida recompensador. Isso vale a pena.

CAPÍTULO IV

UMA NARRATIVA SOBRE A HISTÓRIA DA ESCOLA RURAL “FRANCISCO SOUZA CASTRO”

4.1 – Contexto Histórico

A Escola Combinada de Ituí, assim chamada na época, foi fundada em 01 de fevereiro de 1940, na comunidade de Ituí, situada no município de São João Nepomuceno-MG, na Figura I, temos a sua localização.



Figura I: Localização

Fonte: Google Maps

Seu primeiro prédio era bem simples, com somente uma sala de aula e um banheiro pequeno. *“Era um espaço antigo com uma sala, um banheiro e não tinha merendeira”* (Excerto da narrativa da professora Vera). Sem refeitório e recursos, os alunos e professoras contavam com a colaboração de moradores da comunidade e doações dos agricultores e fazendeiros daquele entorno.

O ensino era multisseriado e a professora atendia, na maioria das vezes, filhos de agricultores que moravam em toda aquela região. Os alunos percorriam grandes distancias a pé para ir à escola e naquela época eram atendidos alunos de 1ª série até a 3ª série, em uma única sala.

Segundo a entrevista com a professora Vera, a sala era pequena, com um quadro e uma pia do lado de fora. Como não havia alimentação e recursos disponibilizados pelo Estado, a cozinheira, moradora próxima à escola, era paga pelas próprias professoras e a merenda era feita das doações da comunidade. Os pais e os agricultores do entorno da escola faziam doações com o que tinham para que os alunos tivessem o que comer.

Em fevereiro de 1962, a escola recebeu duas professoras. A professora Vera e Elvira dividiram a sala, uma na parte da manhã, com 1º ano e outra na parte da tarde, com 2º e 3º ano. Na época, os recursos ainda eram muito limitados. O Estado tinha a responsabilidade com somente o salário das professoras. Não havia serventes ou cozinheiras, então cabia as professoras essas funções.

Os alunos não possuíam livros didáticos, como atualmente é disponibilizado. O governo enviava apenas cadernos e materiais para escrita e todo o conteúdo era passado pela professora no quadro e os alunos copiavam em seus cadernos.

Naquela época, havia uma supervisão severa sobre o plano de aula das professoras e as provas eram elaboradas por ela (supervisora), para sondar o nível de aprendizado dos alunos. As professoras tinham a responsabilidade de ensinar todo o conteúdo que seria cobrado nessa prova para os alunos.

No dia 06 de julho de 1974 a escola passou a ser denominada Escola Estadual de Ituí e em 13 de dezembro de 1984, passou a denominar-se Escola Estadual “Francisco Souza Castro”. Nome pelo qual se deu pela contribuição de um fazendeiro da região para a construção do primeiro prédio.

Em 05 de fevereiro de 1985, recebendo auxílio do Estado, a escola mudou de prédio, no qual a infraestrutura e endereço se mantem até hoje, com uma estrutura maior

que o antigo prédio, contendo agora 04 salas de aula, cozinha, almoxarifado, sala de diretoria, sanitários femininos e masculinos amplos e área coberta.

Em 1988, a escola foi municipalizada, conforme resolução 9094/98 e, automaticamente, passou a ser chamada Escola Municipal “Francisco Souza Castro”. Na Figura 2, temos a placa de inauguração da escola onde está o esposo da nossa depoente, a professora Vera de Oliveira Castro, o senhor Erênio Alves de Castro.



Figura 2- Inauguração Escola Municipal “Francisco Souza Castro”

Fonte: Arquivos da Escola.

4.2 – Uma caracterização da sociedade

O perfil escolar socioeconômico e cultural da comunidade em que se encontra a Escola Municipal “Francisco Souza Castro”, na grande maioria, é de médio para baixo. Os alunos são residentes na zona rural, filhos de trabalhadores rurais e pequenos produtores. Alguns alunos são moradores de outros distritos próximos a Ituí, como é o

caso de Braúna e Cruzeiro¹⁶, que pelo fato da quantidade de alunos serem pequenas, a prefeitura optou por disponibilizar transporte escolar para elas irem a Ituí ao invés de todo o custo com a escola que possuem em seus respectivos distritos.

As famílias possuem baixa renda sendo a grande maioria assistida pelo Programa Bolsa Escola. O nível de escolaridade dos pais se restringe entre fundamental e médio. Os pais trabalham, geralmente, como assalariados e muitos são boias-frias, têm moradias bem modestas e não têm grandes oportunidades para lazer e cultura.

As professoras que atualmente lecionam na escola, são residentes do próprio distrito ou moram nos distritos vizinhos. Vindo de uma comunidade carente, os alunos precisam de conhecimentos, amor, atenção, respeito, assim, a prefeitura de São João Nepomuceno disponibiliza hoje aulas de educação física e informática para que os alunos tenham acesso a outros recursos que não fazem parte de seu cotidiano.

Entre a escola e a comunidade, existe um relacionamento bem estreito, o que possibilita uma boa interação entre família e escola, fazendo com que o desenvolvimento do aluno seja facilitado. Para reforçar a aprendizagem, também os pais são convidados para incentivarem seus filhos e também ajudar na orientação de trabalhos.

Como a partir dos anos 2000 houve um êxodo rural¹⁷ muito grande, por falta de oportunidade de trabalho na Comunidade de Ituí, a quantidade de alunos diminuiu muito. Atualmente contam 11 alunos.

4.3 – A esperança de uma comunidade

Ao lado de uma igreja, rodeada de algumas árvores e a beira da estrada estreita encontrava a simples e modesta Casa Escolar Combinadas de Ituí, como podemos observar na Figura 3.

¹⁶ Distritos que se encontram a, aproximadamente, 19 km de distância da comunidade de Ituí.

¹⁷ Processo de migração de pessoas da zona rural para a urbana, ou seja, a saída de moradores do campo com destino às grandes cidades.



Figura 3 – Terreno da Casa Escolar Combinadas de Ituí
Fonte: Arquivos da Escola.

Em uma comunidade que vivia da agricultura e da fabricação de cachaça, que uniu forças para conseguir construir essa escola, em meio a tantas dificuldades à procura de uma educação para seus filhos, destaca-se nesse período, o Sr. Francisco de Souza Castro, ele era fazendeiro e dono da cachaçaria “Araci”, foi a importante pessoa que fez com que a educação chegasse na comunidade.

Estudar no município em que pertence o distrito era muito longe para as crianças, principalmente porque naquela época, não havia transporte escolar disponível. Assim os moradores do distrito e dos distritos vizinhos viam que a única maneira de seus filhos estudarem seria em um local mais próximo.

Como grande parte da comunidade trabalhava na fazenda do Sr. Francisco e ele, por sua vez, percebia a necessidade da educação para a população, ele arcou com os custos da primeira Casa Escolar na comunidade. Diante isso, em 1974, a escola, em sua

homenagem recebeu o seu nome, sendo chamada de Escola Estadual Francisco Souza Castro.

Um pequeno terreno pertencente ao Estado, para a construção da escola, sem luxo, apenas trazia junto de quatro paredes a esperança para aquela comunidade, uma educação para todos.

A sala dispunha de um banheiro, uma pia pequena do lado de fora e o local onde as aulas eram dadas. Ali, as duas professoras dividiam as turmas e lecionavam uma na parte da manhã e outra na parte da tarde. Não havia muro em seu redor, área de alimentação ou de lazer para as crianças. Ali estava a desejada escola, onde os filhos dos agricultores que moravam ali por perto iam todos os dias estudar, sem faltar um dia sequer. Com chuva ou sol, apesar da contínua distância, todos se faziam presentes.

Com um ensino multisseriado e cerca de 30 alunos numa única sala era a grande dificuldade para as professoras naquela época. “*Dividíamos o quadro com um risco de giz e cada aluno sabia qual era a sua parte*” (Excerto da narrativa da professora Vera).

Todas as disciplinas eram ensinadas nesse pequeno espaço do quadro e o interesse dos alunos era comum, mesmo depois de longos caminhos percorridos até ali e de trabalhar no contraturno escolar, o que acontecia com a maioria deles.

Toda a comunidade colaborava muito para a implantação da escola. Como não tinham auxílio do Estado, sequer uma cozinheira, a merenda das crianças e das professoras era feita de doações dos moradores, pais e fazendeiros da redondeza, por uma senhora que morava ao lado da escola. As professoras pagavam com dinheiro do seu bolso para que ela se dispusesse a fazer todos os dias. Com a colaboração de todos a escola funcionava.

Para lecionar nessa escola, ser professora não bastava, tinham que encarar outras funções como faxineiras, diretoras e enfermeiras, “*na época o pai deixava a criança na escola e falava que estava por nossa conta, podíamos corrigir os alunos, ai deles se não nos obedecessem. Professora era vista como uma autoridade.*” (Excerto da narrativa da professora Vera).

As professoras tinham magistério, na época era um curso que faziam depois de terminar o segundo grau. O que as movia diante de toda a dificuldade era o amor e a esperança por aquelas crianças que não tinham suporte educacional.

Havia uma supervisora que passava as orientações pedagógicas para as professoras e ao fim do ano, ela mesma elaborava e aplicava uma prova para que os alunos fossem avaliados.

Os alunos naquela época saiam do 4º ano sabendo escrever produção de texto, tendo noção de porcentagem, conta de divisão e tudo. A tabuada era cantada e a leitura era tomada em coro”
(Excerto da narrativa da professora Vera).

Dali, alunas daquela escola humilde se tornaram professoras e algumas permanecem até hoje. Em um novo lugar, construído pelo Estado algum tempo depois, foi projetado um prédio com 3 salas de aula, sala de direção, refeitório, cozinha, banheiros femininos e masculinos e espaço para brincadeiras. Quando construído, havia muitos alunos na escola.

Em 1984, a escola foi municipalizada e o nome do Sr. Francisco permaneceu, se tornando Escola Municipal “Francisco Souza Castro”. As honras da inauguração do novo nome da escola foram passadas para o Sr. Erênio Alves de Castro e Maria de Lurdes Alves Castro (Dona Lurdinha), filhos do Sr. Francisco, pois ele havia falecido nesta época. Juntamente com outras figuras políticas da época e com toda a comunidade, prestigiaram aquela conquista.

Com o êxodo rural, atualmente, a escola dispõe de 11 alunos, 1 servente e 3 professoras. As professoras, antigas alunas e ainda moradoras da comunidade, mesmo aposentadas se mantem firme para lecionar as crianças da região.

Nós não temos uma diretora presente na escola, nunca tivemos. Temos uma supervisora que atende toda a zona rural, mas ela fica na cidade (Excerto da narrativa da professora Carla).

Hoje, mesmo com uma quantidade de alunos inferior, em relação a quantidade da época em que a escola se dispunha de somente uma sala, a diferença de ensino da época se faz presente. A rispidez e o desenvolvimento da educação deixaram suas vantagens e desvantagens com o passar dos anos.

4.4- Eventos culturais

A escola rural “Francisco Souza Castro” sempre se fez presente nos eventos culturais do município, tomando como base que essas atividades servem não somente para o lazer, mas como um crescimento pessoal dos alunos.

Para esses eventos, a prefeitura disponibilizava transporte para que os alunos participassem dos desfiles cívicos na cidade de São João Nepomuceno. Na Figura 4, Figura 5 e Figura 6, temos imagens que marcam a participação dos alunos em comemorações festivas.



Figura 4: Participação dos alunos no aniversário de São João Nepomuceno, em 1998.
Fontes: arquivos da escola



Figura 5: Desfile dos alunos da escola no aniversário de São João Nepomuceno, em 1998.

Fontes: arquivos da escola



Figura 6: Participação dos alunos da escola no desfile de 7 de setembro de 1996Fontes: arquivos da escola

Todos esses eventos marcam a participação efetiva, incentivando culturalmente os alunos da escola rural “Francisco Souza Castro” com diferentes movimentos culturais na cidade de São João Nepomuceno.

4.5- Projetos Educacionais e Formação de professor para a Zona Rural

Um trabalho que mobiliza a metodologia História Oral, se faz necessário a busca de outras fontes. Nesse sentido, localizamos no acervo público municipal de São João Nepomuceno, artigos de jornais que de alguma forma tratavam sobre a escola “Francisco Souza Castro”.

Tais reportagens me fizeram perceber a preocupação que existia com Educação no Campo. Isso se fazia presente nos eventos do município que agregavam valor ao conhecimento.

Entre eles, eram oferecidos cursos e eventos pela prefeitura, com visão na alfabetização e ensino da matemática, com materiais concretos e dinâmicos foram registrados, e o foco eram para a profissionalização das pessoas que viviam no meio rural. Podemos observar esse movimento nas reportagens que apresentamos nas Figura 7 e Figura 8.



Figura 7 – Capacitação docente dos professores rurais

Fonte: Arquivos da Escola.

ALUNOS BRILHARAM EM PROJETO PARA SIMPLIFICAR MATEMÁTICA

Por Rivelino Alves

Ao participar de iniciativas de entidades privadas, a Rede Municipal de Ensino confirma a orientação marcante dos últimos 5 anos, que coloca os estudantes em contato com as mais modernas práticas de aprendizado. Exemplo disso foi a presença maciça dos alunos das escolas municipais nas atividades do Projeto **"Na vida, dez, na escola Zero: brincando e aprendendo"**, realizadas no dia 23 de junho, sob a coordenação dos alunos do 3º período de Pedagogia da UNIPAC.

Um supermercado virtual foi montado no Clube Democráticos, composto de prateleiras e gôndolas recheadas de embalagens que, embora vazias, conferiram ares de realidade ao cenário. Para que pudessem vivenciar a Matemática, sem mistérios, os alunos receberam, à entrada, quantias de dinheiro-fantasia, para irem às compras. A grande missão era administrar os gastos, para não passar da conta e sobrar algum troco na hora do acerto no caixa.



ESTUDANTES APRENDERAM A CONTAR E GASTAR O DINHEIRO

PROFESSORAS DA ZONA RURAL TERÃO MAIS UM MOMENTO DE ESTUDO

Por Rivelino Alves

Para a segunda-feira, dia 5 de julho, às 17 horas, na Escola Estadual Judite de Mendonça, está prevista a realização de mais um momento de estudo para as professoras da Zona Rural. É mais uma prova de que, na Administração 2005/2012, a qualidade do ensino é um direito de todos os alunos da Rede Municipal de Educação, onde quer que eles estejam.

Coordenados pela Supervisão Pedagógica da Zona Rural e sempre abordando um assunto de relevância, os encontros tem o objetivo de preparar os profissionais para aliar modernidade e sensibilidade no trabalho desenvolvido em sala de aula, principalmente com alunos que apresentam diferentes níveis de aprendizagem. O tema desta semana será "Trabalhando com gêneros textuais", que vai abordar as diversas modalidades de produção de textos. Os professores do "Judite" também vão participar do encontro.



ENCONTROS GARANTEM CAPACITAÇÃO PERMANENTE

Figura 8 – Projeto de Ensino de Matemática e Capacitação docente para o meio rural

Fonte: Arquivos da escola.

4.6 – Os professores e os membros daquela comunidade

Notamos a partir das entrevistas dos depoentes o quão importante foi o papel do professor e dos membros daquela comunidade. Um esforço conjunto para promover a educação das crianças naquele ambiente carente e subjugado como desnecessário, se estendeu por um longo período e com muita persistência, hoje, adquiriram seus direitos.

Apesar de todos os recursos atuais, em cada cenário em que são expostos, dedicados a oferecer uma educação de qualidade para seus alunos, os professores ainda arcam com seus próprios recursos para obterem materiais que acompanham o desenvolvimento educacional.

De certa forma, isso nos mostra que há uma carência na escola por falta de apoio financeiro, olhando isso com outros olhos, percebemos a necessidade de políticas públicas mais pontuais para auxiliar o professor que atua em sala de aula, em nosso caso, no meio rural.

Escola não educa, escola ensina conteúdos que são necessários para formar um cidadão, mas princípios éticos e respeito são atribuídos em casa, pela sociedade, assim, somos motivados por essa conquista a pensarmos sobre a educação atual e como a união entre a família e a escola devem seguir alinhadas.

4.7 – Uma viagem as minhas memórias na Escola Rural “Francisco Souza Castro”

Como pesquisadora percebo a necessidade de entrar nessa narrativa contando as minhas memórias sobre a minha primeira escola. A Escola Rural “Francisco Souza Castro” foi o lugar em que aprendi a ler, escrever e que tenho as melhores lembranças da minha vida.

Naquela comunidade pacata em que todos éramos vizinhos e a liberdade era o maior presente que nós crianças poderíamos ter, correr descalço o dia todo, subir nos pés de frutas, buscar água na mina são memórias que posso desfrutar por ter tido o privilégio de ter vivido.

Cada momento naquela escola foi acompanhado de ansiedades e expectativas. Entrar no pré escolar com a tia Sandra com apenas 2 anos e aos 5 anos estar alfabetizada demonstra o amor e dedicação que havia naquela época. Na figura 9, temos um retrato de minha turma.



Figura 9 - Turma de 1994 em frente à escola “Francisco Souza Castro”

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

A passagem para a primeira série foi outro momento marcante em minha trajetória. Estar naquela sala em que “as crianças grandes” fazia com que me sentisse uma adulta. Lembro-me que era obrigado o uniforme escolar.

A sala do primeiro ano era multisseriada, ou seja, estudavam quatro séries na mesma sala e a professora fazia essa divisão no quadro. Cada fileira acompanhava sua divisão no quadro. Por incrível que pareça, isso não era um empecilho para o processo de ensino. Dificilmente um aluno copiava a matéria errada. Pelo menos essa é a visão de uma aluna acompanhada de suas lembranças. Na Figura 10, apresento como era essa disposição das carteiras.



Figura 10 - Separação das fileiras por série na escola
Fonte: Arquivo da escola.

No aniversário de 60 anos da escola, estive presente. E para comemarmos aquele dia, tivemos uma coroação¹⁸ na igreja da comunidade, posteriormente servindo bolo e refrigerante, como destaca a Figura 11, tudo muito simples, mas que marcaram minha infância.

¹⁸ É tradição da igreja católica os rituais conhecidos como coroações, onde figuras humanas colocam uma coroa em uma imagem da virgem Maria.



Figura 11 - Aniversário de 60 anos da escola
Fonte: Arquivo da escola

Outro momento importante da semana era a segunda-feira, pois era o Dia da Forma¹⁹. Todos ficávamos em fila, com distancia de um braço para o outro e cantávamos o Hino Nacional, como podemos observar na Figura 12.

Cada professora ficava na frente da sua turma e aquele momento pra mim parecia grandioso, parecia estar em um auditório. É engraçado quando nos lembramos de coisas da nossa infância, porque tudo parecia muito grande, muito importante. A verdade é que era mesmo e cada processo e cada fase me fizeram crescer como ser humano.

Estudar em uma comunidade humilde faz com que as pessoas julguem nosso futuro por conta das limitações. Mas em minha família, somos a prova de que o futuro somos nós que devemos traçar.

¹⁹ Modo como a população da comunidade se referia ao dia do Hino Nacional. Programado para toda segunda-feira.



Figura 12 – Alunos perfilados para o Hino Nacional

Fonte: Arquivo da escola

Apesar de toda dificuldade, tenho uma mãe que sofreu muito na infância para começar a estudar e enfrentou mundos e fundos para se tornar professora, que era seu maior sonho. E através de seus ensinamentos e cobranças, conseguiu instruir a mim e minha irmã, que seguir os trilhos dos estudos seria o caminho certo.

Hoje, somos professoras, engenheira e dentista com muito orgulho. Com muito amor e dedicação, demonstrando que quem vem de escolas rurais podem escolher sim, o seu futuro. Porque melhor do que sermos felizes por aquilo que nos tornamos, é deixar quem nos ama feliz por quem nos tornamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaborar este trabalho, utilizando como metodologia de pesquisa a História Oral, onde a oralidade e a memória é a fonte de informação para compreendermos o objeto de pesquisa e da construção de documentos através das entrevistas, me fez reviver e muitas vezes refletir sobre a importância desse trabalho para a escola, que através das memórias dos depoentes se deu a criação de uma narrativa sobre alguns aspectos que ocorreram na escola.

A história oral é uma metodologia de pesquisa que através da busca de informações por meio de documentos, imagens e entrevistas formam versões da história. Por meio desses conceitos buscamos encontrar documentos, onde pudesse haver registros da parte histórica da Escola Municipal “Francisco Souza Castro”.

Após uma busca na Secretaria da Educação e na escola, conseguimos algumas fotos do prédio em que a escola se encontra hoje. As imagens do primeiro prédio não foram encontradas.

Em seguida, foram realizadas as entrevistas com as professoras que vivenciaram de alguma maneira a escola. Diante das entrevistas realizadas contendo todas as possíveis memórias e histórias que foram vivenciadas pelo grupo de entrevistados, foi possível construir uma narrativa sobre o desenvolvimento educacional ao longo do tempo na escola, onde essa narrativa hoje, assume um papel de documento histórico sobre a escola e pode servir à comunidade interessada.

O caminho percorrido me fez lembrar os bons tempos que tive naquela comunidade e ter uma visão e amadurecimento como pesquisadora em notar a importância que este trabalho tem para essa escola.

Para finalizar, esse trabalho de conclusão de curso, consigo vislumbrar um outro estudo como por exemplo, narrar o movimento de criação das demais escolas rurais que existem ou existiram nessa comunidade.

REFERÊNCIAS

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção**. Tese (Doutorado) – UNESP, Rio Claro, 2003.

BATISTA, E. C.; MATOS, L. A. L.; NASCIMENTO, A. B. **A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III 2017. ISSN 1980- 7031. Disponível em: <https://rica.unibes.com.br/rica/article/view/768/666>. Acesso em: 14 maio 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm > Acesso em 22 mar 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996. <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>, pag.16 > Acesso em 26 mar 2022.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília, DF, 2016.

CALDART, R. S. **Escola do Campo em Movimento**. 2000. (Coleção Por uma Educação Básica do Campo, caderno n. 3).

CHRISTÓFFOLI, P. I. **Produções pedagógicas dos movimentos sociais e sindicais**. In: MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução: Magda Lopes: 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FONSECA, M.T.L.da. **A extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital**. São Paulo: Loyola. 1985.

GARNICA, A.V.M. **Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática**. Ciências Humanas e Sociais em Revista, v. 32, p. 20-35, 2010.

GARNICA, A. V. M.; SILVA, H.; FERNANDES, D. N. **História Oral: pensando uma metodologia para a Educação Matemática**. Anais ... do V Congresso Internacional de Ensino da Matemática (V CIEM). ULBRA, 2010.

GARNICA, A. V. M.; SILVA, H.; FERNANDES, D. N.. **Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regime de historicidade e história oral**. Bolema (Rio Claro), v. 25, nº 41, p. 213-250, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatísticas da Educação Básica 2007**. Brasília: Inep, 2007.

MARIN, D. **Uma história da criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro-Minas Gerais**. 2019.Tese (Doutorado em Educação para Ciência) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, SP, 2019.

SILVA, G. R. F. et al. **Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa**. Online Braz. J. Nurs. v. 5, n. 2, 2006.

SOARES, E. A. L. **Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo: proposição pertinente**, Parecer n. 36/2001. Brasília: Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação, 2001.